

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Friszman (Org). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. São Paulo: Editora Autores Associados, no prelo.

Elizabeth TUNES¹

Sua leitura interessa a todos que se preocupam com e lutam contra a exclusão social, especialmente, a de uma parcela da população que, por força de suas diferenças biotípicas – surdos, cegos, deficientes físicos e deficientes mentais – negam-se-lhes a competência e o direito de falarem por si. É preciso, contudo, ressaltar que, dentro desse universo de leitores, nem todos encontrarão o que buscam. Somente aqueles que sabem que o caminho se faz ao caminhar podem, nesse livro, encontrar o alento de se verem diante de questões. Algumas, certamente, já aventadas; outras, talvez, não. Mas, questões e não fórmulas precisas sobre fazeres. É exatamente essa a grande contribuição e importância que tem a coletânea de textos organizada pelas professoras: mostrar que o movimento da educação inclusiva, no que se refere aos deficientes, em que pese mostrar-se como um avanço em relação às práticas sociais dirigidas a essas pessoas, cerca-nos de desafios e barreiras que tornam o caminhar árduo, penoso, difícil; em alguns pontos, mostrando-se próximo ao impossível. Ainda uma luta, como todos os movimentos congêneres que o antecederam. São apenas novos alguns dos desafios e das barreiras que precisam ser desvendados e transpostos. Outros, velhos conhecidos, que resistem ao tempo e à história, o preconceito, por exemplo.

Os nove capítulos que compõem a obra, escritos por diversos autores, oferecem um panorama da amplitude e diversidade de questões ligadas à educação inclusiva. Não as esgotam, não pretenderam e não poderiam fazer isso: a luta contra a exclusão social brinda-nos, incessantemente, com fatos novos, surpreendentes e intrigantes. Os textos são, assim, uma amostra do que acontece, abrindo ao leitor a possibilidade de pensar o que está por vir. Mas abrangem um espaço de conteúdo suficientemente largo para que se possa apreender os liames que enredam a educação

⁽¹⁾ Doutora – Universidade de Brasília.



Resenhas

inclusiva na própria dinâmica da vida social contemporânea.

Tomando emprestadas as palavras das organizadoras do livro, “os autores falam de obstáculos, equívocos, precariedades, contradições”, que percorrem o caminho das concepções sobre inclusão, das leis que nelas se ancoram, da organização do sistema escolar, das práticas pedagógicas em sala de aula, até às estratégias e ações dos seres que, na sala de aula, têm um nome. Os autores falam de seus diferentes lugares e de modos diversos sobre as questões da inclusão. O livro não se atém, coerentemente, ao pensamento único. Mostra, assim, que as concepções sobre inclusão das pessoas socialmente instituídas como deficientes são um fato da diversidade. Daí porque o assunto requer

O debate social amplo e intenso, antes que a adoção de fórmulas e prescrições uniformizadoras. É aqui, então, que o leitor se depara com a questão maior que os textos incitam: como é possível pensar a inclusão de pessoas deficientes diante de uma escola que se pretende, cada vez mais, padronizada? Ou, em outros termos, que desdobramentos pode ter a educação inclusiva de pessoas deficientes para a flexibilização e desuniformização do processo de escolarização contemporâneo?

É de bom tom provocar essa reflexão no leitor. Talvez, assim, seja possível fazer o caminho que leva para além do preconceito e da segregação, ao desvendar os modos como os deficientes podem socorrer os não-deficientes.

ESCOLA INCLUSIVA

REILY, Lucia. **Escola Inclusiva: linguagem e mediação**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

Maria Cristina da Cunha PEREIRA²

A inclusão é um dos grandes desafios que os profissionais da educação enfrentam hoje. Se, de um lado, há uma legislação que visa garantir o acesso e a permanência dos alunos com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino, de outro constata-se o despreparo dos profissionais para atender a esses alunos.

Sem formação para trabalhar com alunos com necessidades educacionais especiais, os professores, na sua maioria, não sabem como agir diante de alguém que apresente uma necessidade decorrente de deficiência visual, surdez, deficiência mental, dificuldades motoras ou lingüísticas, entre outras.

O desconhecimento sobre as especificidades e necessidades dos alunos e a imagem

que constroem sobre as potencialidades dos mesmos respondem, muitas vezes, pela exclusão na sala de aula.

No caso dos alunos surdos, por exemplo, os professores falam com eles como se falassem com os ouvintes e o resultado é a não compreensão do conteúdo. Os alunos com deficiência visual, por sua vez, embora partilhem a mesma língua que a professora e os colegas, muitas vezes não percebem muitas das ações do cotidiano em função do déficit visual e por isso não transferem as ações da vida diária para o aprendizado. Ao lado da formação, imprescindível para lidar com alunos com necessidades especiais, o professor deve contar com materiais que possam auxiliá-lo na sua prática. É neste contexto que o livro *Escola inclusiva: linguagem*

⁽²⁾ DERCIC-PUC-SP.

e mediação, de Lucia Reily, se apresenta como um instrumento valioso para todos os professores, mesmo os que não tenham alunos com necessidades especiais na sala de aula.

Com o objetivo de favorecer a inclusão e o aprendizado de alunos que apresentam impedimentos para acessar a informação, a autora discute a importância de o professor fazer uso de diferentes formas de linguagem, como a oral, a escrita, a imagem gráfica, em relevo, em movimento, os códigos e os sistemas alternativos de comunicação.

Fundamentada nas idéias de Vygotsky, para quem a linguagem é um sistema simbólico que possibilita tanto a interação social como a representação da realidade, Lucia considera a linguagem como instrumento democrático de acesso à escola para todos. Alerta para as limitações que pessoas sem linguagem sofrem. Ressalta que a compreensão sobre pessoas, objetos e eventos que não estão presentes no contexto imediato, não é acessível a pessoas que não operam no nível dos signos simbólicos, e lembra que é a linguagem que permite o descolamento do mundo físico para operar cognitivamente sobre ele.

Como arte educadora que é, Lucia Reily privilegia o uso das imagens na escola, tanto as bi como as tridimensionais. Para ela, a imagem é um instrumento de mediação entre o sujeito e o mundo e pode ser usada para expressar os mesmos conceitos e relações, expressos pela linguagem oral ou escrita. Em outras palavras, a imagem possibilita compreender e expressar idéias, sentimentos e se comunicar.

Com vantagem sobre a linguagem escrita, a imagem é uma forma de linguagem acessível a qualquer faixa etária e pode ser usada na escola como recurso adicional para a aprendizagem dos alunos de modo geral, incluindo aqueles com dificuldades lingüísticas, como os surdos e os com distúrbios lingüísticos. Uma pessoa com cegueira, por exemplo, ao manusear uma imagem tridimensional, como maquete, pode conhecer aquilo que não lhe é acessível na vida real.

Nos vários capítulos que compõem o livro, muitas questões, relacionadas ao uso de diferentes formas de linguagem, são tratadas com a profundidade que se espera de um livro que não pretende ensinar o professor a trabalhar, mas chamar a atenção para a relevância que materiais como desenho, brinquedos, jogos, entre outros, têm na sala de aula, propiciando melhor aproveitamento por parte de todos os alunos e não apenas daqueles com necessidades educacionais especiais.

A autora chama a atenção, ainda, para a variedade de imagens visuais presentes no espaço escolar e que podem contribuir para o aprendizado de todos os alunos e lembra que, se o professor entender que a figura tem função pedagógica e não de mera ilustração, vai encontrar maneiras de torná-la acessível ao aluno. Critica a visão reducionista à qual a imagem tem sido submetida na escola, como cópia da realidade, uso de imagens prontas para serem coloridas, sem criatividade e enfatiza a necessidade de a escola se preocupar com a qualidade da imagem e com a possibilidade de o aluno ter acesso à representação da figura por outra modalidade de significação, como o tato, mediado pela palavra.

Além de discutir a importância da imagem para o ensino em qualquer faixa etária e de apresentar diferentes tipos de imagens que podem ser usadas na escola para possibilitar melhor aproveitamento de todos os alunos, o livro contempla outras formas de linguagem, como a escrita, a comunicação suplementar e alternativa, a Língua de Sinais e o Braille. Estas formas têm em comum o fato de fazerem uso de códigos.

Embora a Língua de Sinais, a meu ver, não se caracterize como linguagem, mas como uma língua, usada pela comunidade de surdos, concordo com o ponto de vista de Lucia de que para alguns grupos, como o dos mergulhadores e dos monges que fizeram voto de silêncio, o uso de sinais caracteriza uma linguagem, usada quando o uso da linguagem oral está impossibilitado.

Em relação à escrita, Lucia enfatiza a importância da leitura e da escrita para todas as

crianças e principalmente para aquelas cuja fala não é compreensível. Defende a idéia de que a escola deve propiciar a oportunidade para que a criança brinque de escrever e adverte para o fato de que crianças deficientes visuais e com deficiência física que afeta a coordenação manual e a locomoção muitas vezes não vivenciam o prazer dessa atividade.

A autora critica a ênfase que a escola dá ao treinamento de habilidades percepto-motoras, o que impede que o aluno vivencie a função social da escrita nas atividades do cotidiano.

Apresenta sugestões que podem possibilitar aos alunos com deficiência visual a interação com a leitura, como os livros gravados, as histórias musicadas e a ampliação gráfica.

Quanto à comunicação suplementar e alternativa, a autora refere que eles consistem no uso de recursos que podem ser usados por pessoas que apresentem impedimentos ou prejuízo na produção de linguagem oral. Alguns sistemas fazem uso do próprio corpo, como os gestos faciais, os manuais e corporais, enquanto que outros dependem de auxílio de instrumentos, como, por exemplo, o uso de objetos reais, miniaturas, brinquedos, fotos, desenhos e ilustrações, ou do uso de símbolos convencionalizados.

A autora destaca que o objetivo de o professor conhecer os sistemas complementares de comunicação não está em torná-lo especialista, mas em informá-lo de que existem recursos visuais que podem ser utilizados pelo professor e que permitem a participação de todos os alunos, incluindo os com dificuldades de compreensão e de expressão orais.

Em relação ao Braille, Lucia esclarece que ele não é nem língua e nem linguagem, mas um código que possibilita a leitura para alunos cegos e surdocegos. Neste capítulo a autora discute alguns mitos sobre a pessoa cega e o Braille.

Livros como o de Lucia Reily são valiosos não só para os professores das classes inclusivas, mas também para os interessados em ampliar seu conhecimento sobre diferentes formas de linguagem que podem enriquecer a prática do professor, assim como ampliar a comunicação na família e em outras instâncias de interação com alunos que, por diferentes razões, apresentem impedimentos para usar a linguagem oral.

A riqueza de ilustrações e o estilo descontraído com que a autora apresenta suas idéias tornam a leitura do livro agradável e prazerosa.